



*Artigo
da capa*

Velhice: entre destino e história

[Artigo 1, páginas de 8 a 19]





**Denise Bernuzzi
de Sant'Anna**

*Professora livre-docente
de História da Pontifícia
Universidade Católica de
São Paulo.*

dbsat@uol.com.br



RESUMO

Este artigo procura mostrar que, ao longo do tempo, a velhice vem sofrendo modificações em diversos aspectos. O que se entende por velhice varia de acordo com épocas e culturas. Mas, no geral, ao lado das possíveis qualidades, surgem logo os problemas, ou seja, a ideia das perdas permanece forte, pois a lista dessas perdas é grande e variada. Porém, na época contemporânea, as idades e o envelhecimento passaram a definir e classificar as pessoas: a invenção da terceira idade e a emergência da gerontologia mostram quanto o envelhecimento se transformou em tema social e político de grande relevância. E chegamos, assim, ao dever de envelhecer bem! Parece que “envelhecer bem” migrou do terreno das expectativas para o dos deveres incontestáveis. Certos autores falam inclusive na “tirania do envelhecer bem”, o que traz à velhice a experiência de uma nova angústia. Entretanto é possível conceber o envelhecimento como um acontecimento marcado por fatos que parecem cumprir um destino comum a todos os seres vivos, mas, ao mesmo tempo, aberto ao conhecimento de novas experiências. Há então duas possibilidades: envelhecer bem pode ser uma ordem, um dever, mas pode também ser uma conquista merecida, após os esforços ao longo da vida na luta pela sobrevivência.

Palavras-chave: perdas; envelhecer bem; alegria de viver; qualidade de vida; corpo velho.

ABSTRACT

This article aims at showing that, as time goes by, the aging process has been going through changes in many aspects. What is understood by getting old changes according to the periods of time and cultures. But, in general, beside the possible qualities, soon after come the problems, that is, the losses idea remains strong, since the list of these losses is long and diversified. Although, in the contemporary era, the ages and the aging process start defining and classifying people: the invention of the third age and the gerontology emergency show how much getting old has become a social and political relevant subject. And then we get to the duty of aging in a healthy way! It seems that “getting old healthfully” has gone from the expectation level to the undeniable obligation one. Some authors mention, by the way, the “getting old healthfully tyranny”, which brings to the old age the experience of a new misery. However it is possible to conceive the aging process as a happening marked by facts that seem to fulfill a common destiny of all living beings, but, at the same time, open to the discovery of new experiences. There are, then, two possibilities: getting old can be an order, a must, but it can also be a reward, after the efforts of a lifetime struggling for survival.

Keywords: losses; getting old healthfully; joy of living; life quality; old body.

INTRODUÇÃO

Velhice é uma palavra pouco utilizada pelos meios de comunicação de massa da atualidade. Em seu lugar, usa-se com maior assiduidade a expressão “terceira idade”, ou o otimista atributo de “melhor idade”. Da mesma maneira, em vez de “velho”, prefere-se dizer “idoso”.

Tais mudanças no vocabulário não resultam simplesmente de modismos ou de uma evolução limitada à linguagem. Elas exprimem transformações sociais bastante amplas, ocorridas ao longo das últimas décadas e que influíram diretamente nas maneiras de conceber e de lidar com os velhos ou idosos.

Assim, por exemplo, antes de meados do século XX, quando “velhice” era um termo relativamente comum em revistas e jornais brasileiros, dizia-se que vários problemas da velhice podiam ser amenizados com o uso de xaropes, licores, entre diferentes medicamentos destinados à recuperação das forças físicas. Era comum chamar alguém com 30 anos de “pessoa madura”, tanto quanto era usual designar aqueles que haviam passado dos 40 de “gente velha”. As cirurgias estéticas eram raras e as mulheres que recorriam a tais procedimentos tendiam a ser consideradas excessivamente vaidosas e moralmente suspeitas. A menopausa feminina era considerada o fim da vida sexual das mulheres. A expectativa de vida estava longe de ser a mesma vigente em nossos dias, assim como eram diferentes as possibilidades científicas e tecnológicas para melhorar a saúde e obter alguma jovialidade.

A partir de 1950, a sociedade brasileira tornou-se mais urbana que rural, ao passo que, nas grandes cidades, a família nuclear iniciou uma rotina dependente de automóveis e eletrodomésticos, além de roupas, remédios e alimentos industrializados. Progressivamente, um crescente mercado voltado a produtos para a saúde e o rejuvenescimento ganhou força mundial e sua publicidade não cessou de difundir a ideia de que era possível melhorar sempre um pouco mais o desempenho físico de todos os jovens e idosos. Em 1945, conforme a Organização Mundial da Saúde definiu, saúde devia ser entendida também como sendo sinônimo de bem-estar. E este deveria fazer parte de todas as idades da vida.

Mas, desde os anos de 1980, quando a expectativa de vida dos brasileiros estava em torno dos 62 anos, o termo “velhice” deixou de ser comum na mídia. Foi quando, em vários países, surgiram campanhas em prol do aumento da consciência dos direitos dos idosos, da necessidade de reconhecê-los e cuidar de seus problemas,

atendendo as suas carências. Em 2003, depois de alguns anos de tramitação no Congresso Nacional, o Estatuto do Idoso, referente às pessoas acima de 60 anos, foi finalmente aprovado no Brasil. Desde então, as atividades de lazer, turismo e cultura para a terceira idade ganharam uma visibilidade inédita no país, contribuindo para mudar antigos significados do envelhecimento e da velhice.

Contudo, nada mais arriscado que concluir que após essa história repleta de avanços sociais, rapidamente mencionada acima, teríamos alcançado, enfim, uma tranquila aceitabilidade da velhice, seja ela própria ou alheia. O texto a seguir tenta mostrar que, tanto no passado quanto no presente, prevalece uma ambivalência típica de quem pensa sobre a vida dos velhos e de quem busca compreender a velhice: essa fase da vida, que pode ser longa ou curta, assemelha-se a uma multiplicidade de perdas das capacidades outrora firmes e fortes, mas também é nela que se espera encontrar uma serenidade e um entendimento do mundo, difíceis de serem reconhecidos durante a juventude.

PRIMEIRAS EVIDÊNCIAS

Há antes de tudo uma evidência incontornável quando se fala em velhice: ela termina com a morte e faz parte da vida. Mas essa evidência não esgota o sentido do envelhecimento, nem revela a sua conturbada história. Primeiro porque os contornos do que se entende por velhice flutuam de acordo com as épocas e as culturas. Dependem da expectativa de vida de cada grupo social, vinculam-se ao que se entende por juventude e idade adulta, podendo ser modificados pela moralidade familiar e de acordo com as crenças religiosas. Em segundo lugar, o entendimento da velhice parece oscilar entre duas dimensões: uma que a transforma em sinônimo de uma sucessão de perdas, como se ela fosse necessariamente uma espécie de decrepitude sem volta; outra que a aproxima de uma vida propícia à meditação, à contemplação e ao equilíbrio.

Esta complexidade do tema acompanha ainda hoje as definições e os estudos sobre a velhice. Por exemplo, dos atuais centenários japoneses aos brasileiros que conseguem ultrapassar os 80 anos, há quem ressalte as vantagens da “melhor idade” tanto quanto as dificuldades para reconhecer algum benefício ou vantagem na experiência de envelhecer. Por isso, ao lado das possíveis qualidades, surgem logo os problemas. Ou seja, a ideia das perdas permanece forte e várias vezes ela tende a se sobrepor a quaisquer pontos positivos esperados daquele período há muito considerado similar ao inverno da existência.



“Velhice” é, pois, um termo tão vincado na biologia quanto nas sensibilidades morais de cada cultura.

Para complicar ainda mais a complexidade da velhice, seu aspecto negativo desdobra-se em um leque variado de males: há muito se admite, por exemplo, que homens e mulheres “com mais de uma certa idade” sintem a fraqueza das próprias forças físicas, juntamente com carências interpretadas como sendo “falências” do corpo, para as quais a cosmética e a Medicina não cessam de oferecer seus produtos. Esses problemas vão desde o branquear dos cabelos, o acúmulo de rugas e da flacidez do rosto até o surgimento de uma lentidão indesejável dos reflexos, uma redução da massa muscular, da acuidade visual e auditiva, além da gravidade das doenças que se sucedem. A lista das perdas é grande e variada. Ela parece ter sido agravada no decorrer do último século, com a banalização de notícias sobre as doenças degenerativas e incuráveis, entre as quais prevalece o Alzheimer.

Mas a percepção da velhice não ocorre apenas por meio de transformações do corpo e da capacidade cognitiva. Muitas vezes essa percepção irrompe quando os adultos veem seus filhos crescidos e independentes, quando se tornam avós, ou então quando se aposentam. Também é comum saber que a ideia de que se é um velho ocorre quando o peso da espessura vivida, acumulada sobre a memória de tempos passados, torna o caminho do porvir menor que aquele já trilhado. De fato, há sempre momentos nos quais se percebe o quanto o mundo “não é mais aquele”: familiar, conhecido, experimentado no passado. É quando surge o risco de esbarrar no sentimento de inadequação, como se o velho fosse uma roupa fora de moda, um móvel a mais, pesado e sem utilidade, que teima em fazer parte da morada da vida.

“Velhice” é, pois, um termo tão vincado na biologia quanto nas sensibilidades morais de cada cultura. Desde a Antiguidade clássica, com Sêneca e Cícero, até os filósofos da contemporaneidade, há certamente uma literatura importante que insiste nos ganhos de equilíbrio à medida que os anos se acumulam sobre o corpo e a alma. Mas, desde a segunda Revolução Industrial, quando a vida foi coagida a dobrar-se diante do dever de todos serem produtivos e criativos, envelhecer ganhou uma dramaticidade inusitada. As perdas físicas foram cada vez mais difundidas pela imprensa e adquiriram traços

trágicos sempre que somadas à suposição de que o velho não serve para nada e depende cada vez mais dos outros. A situação fica ainda mais complicada quando os demais seres humanos, especialmente os jovens, olham os velhos como se eles já não fizessem parte deste mundo, como se suas existências fossem aberrantes, impossíveis de serem aceitas e acolhidas. Como se os velhos precisassem sempre mostrar que são completamente serenos, sábios, quase santos. É quando a sabedoria é vista como um dever, uma obrigação de todos os velhos. Logo, aquele que não a demonstra em tempo integral se torna uma presença quase insuportável.

DOS VELHOS AOS IDOSOS

Na época contemporânea, as idades e o envelhecimento tornaram-se fundamentais para definir e classificar as pessoas. A invenção da terceira idade e a emergência da gerontologia mostraram claramente o quanto o envelhecimento se transformou em tema social e político de grande relevância, uma questão que convoca antigos e novos profissionais, tais como cuidadores, psicólogos, fisioterapeutas e geriatras.

Do ponto de vista histórico, é preciso ressaltar que o legado da Segunda Guerra Mundial incluiu novas apreciações sobre a morte e a velhice, o que contribuiu para estabelecer parâmetros inovadores também para o entendimento dos jovens. Desde então, entre as exigências que vão recair sobre os velhos, destacou-se a alegria de viver. Os velhos, doentes ou não, passaram a ser cada vez mais coagidos a mostrarem-se alegres. Isso porque, desde então, uma espécie de intolerância crescente à tristeza ganhou ímpeto nas sociedades ocidentais, em particular depois da invenção dos antidepressivos nos anos de 1950 e da ampla propaganda em torno da ideia de que a alegria de viver é necessariamente sinal de saúde e liberdade. É quando as emoções tristes tenderam a ser concebidas e tratadas a partir de referências novas, intimamente relacionadas às necessidades de ascensão social, juntamente com a promoção de indivíduos livres e autônomos. A felicidade tornou-se progressivamente um dever de massa, um direito de todos e, também, uma mercadoria constantemente elucidada pela publicidade.

Todavia, em épocas e culturas nas quais se pretende transformar a alegria numa constante – esquecendo-se de que ela é um estado provisório, uma experiência passageira –, parece ser mais difícil enfrentar as tristezas e especialmente a associação milenar que perdura na história entre envelhecimento e lentidão. Além disso, em sociedades

nas quais as “realizações com sucesso” tendem a ser vistas como normas, envelhecer pode ser rapidamente interpretado como sinônimo de fracasso pessoal, o que retira a velhice do território dos fatos naturais, típicos da vida, para torná-la um acidente, um erro a ser evitado.

Tendências dessa natureza ganharam de fato relevo quando “envelhecer bem” migrou do terreno das expectativas para aquele dos deveres incontestáveis. Billé e Martz mostraram que uma “tirania do envelhecer bem” caracteriza a cultura contemporânea, tornando a velhice uma experiência pautada por uma nova angústia. Ou seja, haveria hoje, mais que em épocas passadas, o dever de envelhecer bem, tal como é uma obrigação trabalhar bem, portar-se bem, etc. (2010, p. 85). No limite, os idosos que não envelhecem bem passariam a ser vistos como doentes, mesmo quando não o são de fato. Envelhecer tornar-se ia, portanto, sinônimo de adoecer, o que sem dúvida aumenta o receio diante do avançar da idade.

Uma maneira de escapar a este suposto adoecimento é transformar a velhice numa época promissora e menos pesada do que ela parece ser. Desafio difícil, mas que vem sendo responsável pela criação de centenas de grupos de lazer e de cultura destinados aos que têm mais de 60 anos. Bailes, festas, saraus, cursos de culinária e costura, natação, viagens turísticas, entre muitas outras atividades de lazer e cultura vêm sendo organizadas para os idosos transformarem suas épocas de velho numa boa idade e, em alguns casos, na melhor idade. O que sem dúvida é animador, mas ainda necessita de muitos apoios governamentais e privados para solidificar e ampliar as conquistas sociais já obtidas.

ENVELHECER BEM: CONQUISTA OU TIRANIA?

As duas possibilidades existem na época atual: envelhecer bem pode ser uma ordem, um dever, uma tirania, algo que exclui muitos idosos de qualquer possibilidade de inserção social. Ou então, envelhecer bem pode ser uma conquista merecida, após esforços ao longo da vida para lidar com os próprios medos e sonhos. Mas há uma terceira possibilidade: envelhecer bem também pode figurar na vida de alguém como uma graça, um dom, uma sorte.

Nem todos são brindados por esta sorte. Mesmo assim a procura por um envelhecimento com “qualidade de vida” vem alimentando inúmeras lutas contra arraigados preconceitos diante da velhice, inclusive aquele segundo o qual os velhos estariam fora do campo de qualquer sorte ou, ainda, distantes de todas as graças. Na verdade,



... desde o começo da era contemporânea, o imaginário da morte caiu para fora dos prestígios outrora concedidos à sua presença.

não há um “pedaço da vida” independente dos demais. O jogo da sorte e do azar, do imponderável e de uma crença no destino ou na graça integram toda a existência de um ser. Assim, na medida em que a velhice é percebida como uma fase da vida que não está desligada de tudo o que já foi vivido, resultando justamente de experiências anteriores, torna-se menos difícil compreender que o acaso e a sorte podem sempre fazer parte desta e de todas as idades.

Além disso se, por um lado, “envelhecer bem” favorece o consumo de centenas de produtos e serviços que prometem saúde e bem-estar aos idosos, por outro, essa mensagem contribui para que eles tendam a ser mais respeitados do que o foram até então. Envelhecer bem pode portanto ser menos uma tirania e mais uma referência entre outras que cada um leva consigo durante toda a extensão da existência. Nela, talvez seja o caso de não abandonar o que há de mais evidente quando os anos se acumulam sobre o corpo, ou seja, a possibilidade de conceber o envelhecimento como um acontecimento calcado em fatos que parecem cumprir um destino comum a todos os seres vivos, mas, ao mesmo tempo, aberto ao conhecimento de novas experiências.

Porém, para não ser tirania e sim conquista, o imaginário da morte é coagido a ser visto de uma nova maneira. Isso porque, desde o começo da era contemporânea, o imaginário da morte caiu para fora dos prestígios outrora concedidos à sua presença. Ou seja, durante séculos, a morte foi interpretada como um acontecimento que marcava uma passagem de grande relevo, a maior de todas: passava-se da submissão, diante dos soberanos na Terra, para os cuidados de um soberano divino, celestial. Michel Foucault mostrou o quanto a morte foi sendo progressivamente desqualificada ao longo da época contemporânea, até deixar de ser uma cerimônia na qual não apenas a família e os amigos mas toda a comunidade participava. Ou seja, a morte transformou-se em “coisa privada”, algo quase vergonhoso (1997, p. 220).

Diferente dessa tendência e principalmente dentro do pensamento cristão, tendeu-se a reconciliar os crentes com a morte, considerada uma passagem para a vida eterna. No lugar de conjugar a velhice com o suicídio, ou de esconder a morte, tratava-se de aplacar a

antiga sede de encontrar uma fonte da juventude, ou a necessidade de finalizar a própria existência porque não se é mais jovem e forte.

Entretanto, nem sempre essa experiência obteve sucesso. Já no século XX, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, a morte tendeu a se tornar um tabu, algo constrangedor de ser mostrado, velado e lembrado. Tabu até mesmo maior que aquele do sexo, votado portanto a não mais ocupar o lugar de honra outrora concedido a quem morre. Paralelamente, a velhice adquiriu a imagem de um problema social cuja responsabilidade permanece muito mais ligada ao foro individual. Ao mesmo tempo, a ambivalência entre perdas e ganhos que palmilha a história da velhice adquiriu maior complexidade na medida em que o século XX se tornou um terreno propício para o aumento inusitado da expectativa de vida, juntamente com a crescente ênfase em rotinas essencialmente urbanas e concorrenciais. Em numerosos países, a busca por maneiras de lidar com os velhos sem excluí-los do convívio social foram intensificadas, ao mesmo tempo em que os questionamentos sobre o que significa conviver com o envelhecimento em idades que ultrapassam os 70 anos começaram a aparecer em programas de televisão, em artigos da imprensa diária e, a seguir, na internet. Ou seja, conquistar um envelhecimento saudável e criativo é hoje reivindicado como um direito de todos, um bem cada vez mais valioso, perseguido por pobres e ricos.

Resta que, diante de temas relacionados à morte e à velhice, ainda persiste o antigo conselho que diz ser preciso cultivar virtudes sociais e aprender a viver consigo mesmo desde quando se é criança. Em numerosos estudos sobre a velhice, para além das ambivalências típicas do tema, tende-se muitas vezes a sublinhar uma célebre intuição: ao invés de deixar tudo para ser aprendido apenas na outra extremidade da vida, é preciso começar logo cedo, especialmente quando se trata do exercício da virtude, da familiaridade com a solidão e, sobretudo, com o fato de que toda a extensão de uma existência só consegue fazer algum sentido quando ela é tecida em meio à consciência de sua própria impermanência.

“CORPO DE VELHO”

Um dos grandes tabus das sociedades contemporâneas é o corpo dos velhos. O mais fácil é associá-los preferencialmente a tudo o que já não são, como se fosse impossível encontrar em suas presenças algo singular, positivo ou simplesmente independente das imagens da perda e da inutilidade. Tentar ver as várias dimensões do corpo envelhecido

também pode parecer um exagero romântico e irreal, igualmente inútil diante de tantas fraquezas evidentes nos corpos dos mais velhos.

No entanto, seria redutor imaginar um único corpo imperativo na velhice, aquele das perdas, repleto de carências e ausências. Os corpos, do nascimento à morte, apresentam-se de modo singular e único dentro da vida e estão longe de serem reduzidos a um drama sórdido, cuja única característica seria, por exemplo, a doença. Ao longo da existência, a mutação corporal desenha silhuetas nem sempre esperadas, várias vezes em desacordo com o que a indústria da moda e a insistência no rejuvenescimento divulgam como sendo o melhor para todos.

Mas um corpo envelhecido é antes de tudo marcado por um passado cuja lembrança pode ser tão boa quanto necessária. Ele funciona como expressão de uma distância entre as épocas, essencial para que a infância e a juventude sejam devidamente vividas e ultrapassadas. Ou seja, o corpo envelhecido é sempre um corpo solidário ao tempo vivido, expressivo daquilo que os jovens ainda não sabem. Trata-se de um registro humano da densidade do mundo, de suas épocas, suas intempéries e bonanças.

Evidentemente é sempre o rosto a expressão primeira desse mundo vivido. Mas a postura, a voz e o sorriso compõem com o rosto a paisagem estampada por cada presença corporal, seja ela mais ou menos velha. O corpo velho seria então, em primeiro lugar, antigo, uma presença de outros tempos e uma prova da perseverança humana na luta pela própria sobrevivência. Em segundo lugar, ele é também o registro das singularidades de cada batalha vivida.

E, enfim, algumas características lidas comumente como sinônimos da fragilidade típica da idade, quando colocadas sob o plano histórico e cultural, adquirem novos significados: fonte de emoções, este corpo encerra mistérios, tanto quanto as centenárias árvores, cujos troncos soberanamente contêm uma quietude, típica de quem “já viveu muito” e que, por isso mesmo, duvida um pouco da necessidade de adiantar conselhos quando eles não são pedidos.

Diante dos corpos antigos, não se trata portanto de procurar beleza, nem de insistir em sua ausência. Eles importam sobretudo porque atualizam tempos e espaços que já não mais existem, suas imagens não apenas levam ao rememorar essencial à condição humana mas, principalmente, à certeza de que ninguém está excluído de suas impermanências. ☺

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. *L'homme devant la mort*. V. 1 e 2. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1990.
- BILLÉ, Michel; MARTZ, Didier. *La tyrannie du "bien vieillir"*. Paris: Le Bord de L'Eau, 2010.
- BOIS, Jean-Pierre. *Histoire de la vieillesse*. Paris: PUF, 1994. (Coll. Que Sais-Je?).
- BOURDELAIS, Patrice. *L'âge de la vieillesse*. Histoire du vieillissement de la population. Paris: Odile Jacob, 1997.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 2004.
- DURKHEIM, E. *Le suicide*. Paris: PUF, 1930.
- FOUCAULT, Michel. *Il faut défendre la société*. Paris: Éditions du Seuil/Gallimard, 1997.
- LAQUEUR, Thomas. *The work of dead*. A cultural history of mortal remains. New Jersey: Princeton University Press, 2015.
- MINOIS, Georges. *Histoire de la vieillesse en Occident*. De l'Antiquité à la renaissance. Paris: Fayard, 1987.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.
- TÓTORA, Silvana. *Velhice: uma estética da existência*. São Paulo: Educ, 2016.
- VIGARELLO, Georges. *Le sentiment de soi*. Histoire de la perception du corps (XVIe-XXe siècle). Paris: Éditions du Seuil, 2014. (Coll. L'Univers Historique).